

THE KILLING FIELDS / 1984

(Terra Sangrenta)

um filme de Roland Joffé

Realização: Roland Joffé / **Argumento:** Bruce Robinson / **Fotografia:** Chris Menges / **Música:** Mike OIdfield / **Montagem:** Jim Clark / **Direcção Artística:** Roger Murray Leach, Steve Spence / **Intérpretes:** Sam Waterston (Sydney Schanberg), Dr. Haing S. Ngor (Dith Pran) John Malkovich (AI Rockoff), Julian Sands (John Swain), Craig T. Nelson (Adido militar), Spalding Gray (Consul americano), Bill Paterson (Dr. MacEntire), Athol Fugard (Dr, Sundesval), Graham Kennedy (Dougal), etc.

Produção: David Puttnam (Columbia-EMI-Warner) / **Cópia:** 35mm, colorida por Eastman Colour, versão original legendada em português, 141 minutos / **Estreia Mundial:** Outubro de 1984 / **Estreia em Portugal:** Berna, Roma e Tivoli, em 1 de Março de 1985.

Com a presença de David Puttnam

Sem querer ironizar com coisas sérias (e o genocídio do Kampuches não se presta de modo nenhum a isso, tanto mais que novas sombras parecem cobrir aquela terra ensanguentada), poderíamos dizer que **The Killing Fields** tem mais o sentido do espectáculo do que o do horror. Apesar de cenas pungentes e impressionantes (em particular o vale cheio cadáveres putrefactos que Dith Pran atravessa na sua fuga do campo de trabalhos forçados), no filme de Roland Joffé, o que predomina é esse sentido de organização que rege o espectáculo – talvez isso represente mais o dedo do britânico David Putnam e seja uma das causas do seu fracasso à frente da produção da Columbia. Quando falo de espectáculo não me refiro a espectacular. São fenómenos mais distintos do que à primeira vista parecem. Não se trata de exhibir efeitos e sim "organização". **The Killing Fields** é um filme "circunspecto" e "sério", muito "british", mais próximo de outras "circunspectas" produções de David Lean, como **The Bridge on the River Kwai** ou **Dr. Zhivago**. Talvez porque o filme seja mais do produtor do que de Joffé.

Mas quando falei de "espectáculo" era noutro sentido. **The Killing Fields**, até por motivo da sua longa duração (ultrapassando largamente as duas horas), parece surgir como exemplo de uma sessão dupla das que antigamente se programavam. De facto trata-se de "dois" filmes o que Putnam/Joffé nos oferecem, duas histórias diferentes cujo ponto de ruptura é o grande plano dos olhas de Schanberg quando Pran se perde por entre a chuva, levado pelos Khmers vermelhos. A "primeira" história tem o personagem de Sydney Schanberg, jornalista do New York Times, que chega ao então Cambodja, para cobrir o fim da guerra iminente, dado o avanço irresistível das forças dos khmers vermelhos, e também para saber de veracidade ou não de bombardeamentos das forças norte-americanas estacionadas no Vietname. Uma história clássica de investigação

jornalística, seguindo mais o modelo do cinema dos anos 30 do que o dos filmes sobre a actividade dos jornalistas em diversas frentes de batalha de que é contemporâneo. Deste modo, é mais um filme de suspense como era **Foreign Correspondent** de Hitchcock (salvo as devidas distâncias) do que um estudo da função do jornalista como testemunha e participante dos acontecimentos que narra, como, melhor ou pior faziam filmes como **Die Falschung** de Volker Schlöndorff, **The Year of Living Dangerously** de Peter Weir e **Under Fire** de Roger Spottiswoode, ou, posteriormente, **Salvador**, de Oliver Stone. Este "primeiro" filme de **The Killing Fields** constrói-se, pois, como uma sequência de momentos de suspense, pouco eficazes no objectivo, dado que, por um lado, a resolução de cada um deles é de antemão conhecida (ou não se inspirasse em acontecimentos reais). Para além de que se limita ao factual que secundariza, se não anula, o estudo das personagens, das suas emoções e reacções. Exemplo flagrante é o personagem do fotógrafo que, se não fosse o espantoso actor que se chama John Malkovich, se limitaria a uma figura decorativa e pitoresca.

Mau grado a superficialidade da abordagem ele surge, com Haing S. Nor (um médico cambodjano que afirma ter passado por experiência semelhante à de Dith Pran na sua fuga do martirizado país, e que com esta interpretação, que marcou a sua estreia como actor, conquistou o óscar para a melhor interpretação secundário, uma das três estatuetas que o filme de Joffé recebeu), como um dos melhores trunfos de **The Killing Fields**. Os outros serão a fotografia de Chris Menges (repare-se no excelente efeito que é uma quase imperceptível mudança cromática entre a primeira parte e a segunda, o que reforça também ideia de divisão a que me referi) também ela galardoada com um prémio da Academia. Aliás, os prémios que recebeu poderiam servir (como no fim de contas as atribuições dos óscares sempre servem) para esclarecer alguns critérios de selecção por parte da classe a que diz respeito. Se o de Haing S. Ngor premeia uma notável criação, mas também uma experiência pessoal, e de uma realidade imediata, e o da fotografia o classicismo aliado às experiências, o da montagem de Jim Clark é um aval para a habilidade de um técnico em contribuir para que o filme não caia na monotonia e repetição. Sem uma montagem tão eficaz como a de Clark, as fragilidades do argumento e da definição das personagens seriam mais evidentes.

O "segundo" filme é uma história de resistência e de sobrevivência. Nesta, a personagem de Schanberg praticamente desaparece, excepto nalguns momentos em que as personagens procuram mostrar os complexos de culpa que sentem dada a situação do antigo companheiro de trabalho. Mas são momentos demasiado esquemáticos, quando não procurando pura e simplesmente o efeito: a sequência em que Schanberg vê a reportagem na TV ao som da ária "Hessun Dorna" de **Turandot**. É Dith Fran que domina inteiramente esta parte, talvez a mais conseguida do filme apesar do seu esquematismo, uma travessia no silêncio e no medo a que a música de Mike Oldfield aporta uns acordes de angústia em surdina, durante o tempo na prisão, como, por vezes, violentamente contrastante com a atmosfera de clausura que domina a labiríntica floresta que atravessa na fuga. Mas a travessia, essa prova de resistência, apesar dos seus momentos de horror (o encontro dos cadáveres), é vista um pouco pela rama pela câmara de Joffé, valendo-se, em particular, da representação de Haing S. Ngor, de notável contenção, onde a dor raramente aflora ao rosto, como se receasse trair a quem habita.

Mas, como essa dor, também a grande obra possível não se manifesta.

Manuel Cintra Ferreira